



**A DIFUSÃO DA IMAGEM
DE DEUS COMO
CONSTANTE
MISSIOLÓGICA NA
BÍBLIA**

*por André Dimovci Maria **

Este trabalho tem por finalidade demonstrar que a Bíblia apresenta de forma consistente o propósito missional do homem como aquele que deve difundir a imagem de Deus sobre a terra, e que isto está intimamente relacionado a correta sujeição da criação pelos homens como vice regentes de Deus.

INTRODUÇÃO

O século 20 iniciou com otimismo em relação ao humanismo científico. O desenvolvimento industrial e tecnológico proporcionava um crescimento exponencial em direção ao progresso. A modernidade alcançava novos auge a cada dia. Entretanto, a Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918, e a Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945, minaram a confiança ocidental em seus pressupostos filosóficos. A situação foi agravada por outros problemas atrelados à modernidade que se tornavam cada vez mais latentes como a pobreza, a degradação ambiental, a proliferação de armas e problemas sociais e econômicos.

Em reação ao fracasso desse sistema, surgiu o movimento que muitos denominam de pós-modernidade, que segue pressupostos contrários ao de seu predecessor. Enquanto o primeiro apresentava uma metanarrativa de progresso, o segundo rejeita qualquer metanarrativa e critérios universalmente válidos para organizar a sociedade. A pós-modernidade nega a capacidade de conhecer a realidade de uma forma objetiva, o que conduz a um pluralismo dentro do conhecimento e a diversos conceitos.

Em meio a essa realidade atual composta por um pluralismo de definições e opiniões, é necessário reafirmar o que a Bíblia, a verdade objetiva revelada por Deus, trata a respeito desses conceitos.

1. A MISSÃO DA HUMANIDADE NA BÍBLIA

1.1. A missão da humanidade no relato da criação

O livro de Gênesis foi escrito para o povo de Israel, quando este habitou no Egito por aproximadamente 430 anos. O povo teve contato durante todos esses anos com mitologias pagãs que descreviam um panteão de deuses controlando a criação, exigindo adoração e culto através de ritos e costumes que não seguiam os padrões morais estabelecidos por Deus. Tal conjunto de crenças, assim como dito por Bruce Waltke “enfraquecem o entendimento bíblico sobre o relacionamento de aliança entre Deus e seu povo” (WALTKE, 2015, p. 197). O Gênesis apresenta um único Deus santo que, sozinho, cria, coloca em ordem toda a criação e escolhe um povo para si.

No relato criativo do Gênesis, o ápice é atingido na declaração de Deus em fazer o homem a sua imagem e semelhança, conforme é lido no versículo 26 do capítulo 1:

Também disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra” (BÍBLIA, 2021).

A discussão a respeito do significado da expressão “imagem, conforme a nossa semelhança” é muito vasta, entretanto muita ênfase tem sido dada a conceitos não encontrados no texto e que não condizem com o contexto histórico do Oriente Antigo.

Louis Berkhof, por exemplo, argumenta que a Imago Dei pode ser expressa em justiça e santidade pré-queda, como também elementos que pertencem à constituição natural do homem, como faculdades intelectuais, os sentimentos e a liberdade (BERKHOF, 2012, p.189). Apesar de esses serem atributos comunicáveis, isto é, que os seres humanos compartilham em certa medida com Deus, eles não abrangem o significado de “imagem, conforme a nossa semelhança” em Gênesis 1.26, pois não há nada no texto que corrobore a essa interpretação.

Os exegetas do texto apontam para sua sequência que indica propósito e resultado entre as partes do versículo. Segundo Peter Gentry, por exemplo, há um consenso entre os gramáticos do hebraico de que a tradução mais correta seria “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança, para que [...]” (GENTRY, 2021, p.78). Essa análise indica que a autoridade dada ao homem, para que governasse sobre a criação, está intimamente relacionada ao conceito de imagem e semelhança.

O contexto histórico do Oriente Próximo contribui para a compreensão do significado dessa expressão. Por volta de 1600 a.C. o rei, no imaginário egípcio, era imagem/filho de deus, sendo que a ênfase não estava em aspectos físicos, mas comportamentais, em que o rei reflete a imagem daquele deus, através de seu governo.

Em suma, a análise gramatical do texto atrela as expressões “imagem, conforme a nossa semelhança” com o governo da raça humana exercido sobre a criação

de Deus. Isso só é corroborado pelo contexto histórico da expressão “imagem”, muito utilizada para se referir a reis, que refletiam o caráter dos deuses através de seu governo. Bruce Waltke sintetiza essa definição no seguinte comentário: “[...] Gênesis 1 concede a todos os seres humanos essa condição oficial de imagem de Deus, de modo que todos nós somos reis, pois recebemos a responsabilidade de governar a terra na condição de vice regentes de Deus.” (WALTKE, 2015, p. 246).

O conceito de vice-regência de Deus também pode ser observado em textos como Gênesis 1.28-30 e Gênesis 2.15. No primeiro, Deus dá toda a criação para o deleite do homem e no segundo, Deus coloca o homem como alguém que deve cultivar, guardar e, acima de tudo, prezar pela criação de Deus. Isso indica que o homem recebeu responsabilidades de Deus, como vice regente, de cuidar, guardar e desfrutar da criação. Nesse mandato o homem deve refletir a imagem de seu criador através do seu envolvimento com a criação e não em um estado de culto completamente desvinculado à criação. Portanto toda a raça humana deveria desenvolver sua cultura, artes, tecnologia e quaisquer outras áreas debaixo dos princípios estabelecidos por Deus.

Em paralelo, em Gênesis 1.28, há outro mandato direcionado à raça humana. O texto diz que “E Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra’” (BÍBLIA, 2021). Nesse texto é possível

enxergar outro mandato de Deus ao homem: que ele seja fecundo e gere descendentes. Atrelada a ideia de multiplicar-se, está o conceito de encher a terra. Ao considerar que o ser-humano é portador da imagem de Deus e que ele reflete a glória de Deus, encher a terra refere-se a enchê-la com a imagem e glória de Deus. Assim como comenta G. K. Beale:

Frutificar e multiplicar-se, em Gênesis 1.28, é uma referência ao aumento da descendência de Adão e Eva, que também deveria refletir a imagem gloriosa de Deus e fazer parte do movimento de vanguarda, espalhando-se sobre a terra com o objetivo de enchê-la com a glória divina (BEALE, 2018, p. 54).

A ideia por trás desse mandato era que Adão expandisse as fronteiras do Jardim do Éden sobre a criação, pois esse serve como um santuário primário onde a presença de Deus habita. Assim, a humanidade deveria sujeitar a criação fora do jardim, abençoando-a através de seu cuidado.

Segundo a análise dos versículos de Gênesis 1.26-28, podemos concluir que Deus fez o homem a sua imagem, conforme a sua semelhança no sentido que ele deveria refletir a glória Dele através de seu governo sobre toda a criação. Além disso, o ser-humano deveria multiplicar-se para que seus descendentes, portadores da imagem de Deus, se espalhassem por toda terra, enchendo-a de Sua glória. Mais adiante será exposto como esse conceito é expandido no Novo Testamento, mas vale mencionar que os mandatos de Gênesis 1.26-28 servem como o que G. K. Beale denomina de “primeira grande comissão”, em que a raça humana é comissionada a espalhar a glória de

Deus através da geração de descendentes que reflitam essa glória com a imagem do próprio Deus “impressa” no homem. Imagem essa que consiste no domínio e sujeição da criação da forma determinada por Deus (BEALE, 2018, p. 69).

1.2. A missão da humanidade em Abraão

Em Gênesis 3, o escritor bíblico relata o fenômeno denominado de Queda, onde o homem e mulher comem do fruto proibido e conduzem a humanidade ao pecado, corrompendo seu status como representantes de Deus. A partir desse ocorrido, é posto em prática um plano divino para redimir a criação, isto é, trazer ela de volta a um estado perfeito e bom, como antes da Queda, o que se dá a partir da escolha de um remanescente que continuaria a desempenhar sua função de representantes.

A partir do capítulo 4 de Gênesis, surge o contraste entre a linhagem de Caim ímpia e a linhagem de Sete piedosa e que, assim como é descrito no versículo 26 do capítulo 4, invoca o nome do Senhor. Através dessa linhagem justa, em Gênesis capítulo 12, é descrito que Deus escolhe um homem para, a partir dele, fazer um povo. Deus entra em uma aliança com Abrão e lhe faz promessas que apontam para o fato que ele era portador da imagem e semelhança de Deus e que ele também deveria difundir a presença divina entre a humanidade.

Primeiramente, isso é perceptível na intertextualidade que o próprio autor de Gênesis faz entre a comissão de Adão e às promessas feitas a Abrão:

- Gênesis 1.28: “E Deus os abençoou e lhes disse ‘Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra’”. (BÍBLIA, 2021)
- Gênesis 12.2,3: “de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra” (BÍBLIA, 2021)
- Gênesis 17.2: “Farei uma aliança entre mim e ti e te multiplicarei extraordinariamente” (BÍBLIA, 2021)

Essa repetição de termos mostra que, Abraão é retratado como um segundo Adão, que possui a mesma comissão de Adão de encher a terra da presença de Deus.

Em segundo lugar, as promessas recebidas por Abraão apontam para o intuito de Deus em restabelecer a condição original de uma criação boa, em que o homem expandiria as fronteiras do jardim com sua presença como vice-regente. Jim Hamilton apresenta que as promessas recebidas são uma resposta aos julgamentos entregues à raça humana em Gênesis 3,14-19 (HAMILTON JR, 2023, p. 41). Primeiro, o problema da inimizade entre a semente da mulher e da serpente, e a maldição intrínseca a essa maldição, são tratados com a promessa de que Deus amaldiçoaria todos que amaldiçoassem a Abraão, e abençoaria a todos que o abençoassem. Segundo, a esterilidade de Sara, uma consequência da maldição relacionada ao parto feita em Gênesis 3.16, é suplantada pela promessa de que uma grande nação nasceria a partir dela. E, por último, Deus lida com a maldição de Gênesis 3.17,18 a respeito da terra, prometendo uma terra boa a Abraão.

O contraste entre as maldições recebidas pela humanidade e as promessas recebidas por Abraão serve para indicar que através de Abraão, Deus continuava com seu intuito de difundir sua imagem na terra, revertendo a condição caída da criação.

É possível observar que Abraão abençoaria a terra através da imagem de Deus nele. Em Gênesis 12.3, Deus promete fazer todas as famílias da terra benditas por meio de Abrão. Bênção no contexto do Antigo Testamento, como Christopher J. H. Wright descreve, é “constituída de fertilidade, abundância e plenitude; por outro lado, do desfrute do descanso na criação, num relacionamento santo e harmonioso com o nosso Deus Criador” (WRIGHT, 2012, p. 111). Estar debaixo da bênção de Deus é estar num relacionamento com Ele. O cumprimento pleno dessa promessa é consumado no sacrifício de Jesus, que garante salvação a todas as nações, entretanto ela se cumpre na descendência física de Abraão de uma forma distinta. O Antigo Testamento mostra que o povo redimido abençoaria as outras nações e povos através de sua vida fiel a Deus. Labão é abençoado com riquezas em Gênesis 30.27-30 através da bênção de Deus a Jacó. Gênesis 39.5 descreve a casa e os negócios de Potifar sendo abençoados pela presença de José. Em Gênesis 41.53-57, vemos que os egípcios foram abençoados com comida durante um período de fome pela bênção de José. Gênesis 47.7 afirma que o Faraó foi abençoado por Jacó. Todos esses exemplos indicam que os portadores da imagem e semelhança de Deus estavam abençoando a outros, sujeitando a criação da forma devida e mitigando as maldições da queda.

Mesmo após a queda da humanidade, Deus, através de Abraão, escolhe um povo para ser portador de sua imagem e semelhança, para poder encher a terra da presença de Deus e expandir as fronteiras daquilo que seria o jardim em um mundo caído, abençoando as famílias da terra, através da sujeição da própria criação.

1.3. A missão do povo de deus como nação

A promessa de um grande povo feita a Abraão é cumprida depois de quatro gerações com a formação da nação de Israel no monte Sinai. A missão, dada tanto a Adão quanto a Abraão, para refletir a imagem de Deus pela criação, se estende também ao povo de Israel.

Em Êxodo 19.6 Deus instrui Moisés a passar a seguinte mensagem ao povo: “vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel” (BÍBLIA, 2021). Esse versículo expressa a missão do povo através de duas expressões “sacerdotes” e “santa”.

Sacerdote era o título daquele que “se aproxima” da presença divina (UNGER, 1993 p. 1126). Tal ofício consistia em intermediar a relação entre Deus e os homens. Por intermédio do sacerdote, o povo conhecia a Deus e iam até Deus. Quando é expresso que o povo é um “reino de sacerdotes”, há a ideia de que, por intermédio do povo, todos os povos da Terra conheceriam e teriam acesso Deus. Existe nesse texto uma extensão da ideia da bênção abraâmica de abençoar todas as

nações. Assim como Craig A. Blaising e Darrell L. Bock afirmam:

A autoridade e o poder de Deus sobre a terra e os céus são empregados em seu reino sobre Israel (desde a divisão das águas do Mar Vermelho até as bênçãos periódicas na terra). Seu governo sobre Israel medeia seu governo sobre outros povos (tanto nas bênçãos quanto nas maldições). Israel, então, torna-se o ponto central para as relações de Deus com a humanidade e sua providência sobre o resto da criação (BLAISING, 2022, p. 279).

Assim como Adão e Abraão deveriam ser representantes de Deus na terra, o povo de Israel foi chamado para exercer o mesmo papel, como portadores da imagem de Deus, que abençoariam as outras nações.

Por sua vez, o termo “nação santa” utilizado no versículo 6 traz consigo o significado de “nação separada”, ou “nação diferente”. Israel tinha a obrigação de viver de forma distinta das nações que adoravam a outros deuses, para que dessa forma, através de sua forma de vida diferente, que refletia o caráter de Deus, toda terra viesse a conhecer ao Deus de Israel. Isso remete à correta sujeição da criação que Adão deveria ter realizado e é através dessa obediência que Deus abençoaria as outras nações.

Deste modo, o texto de Êxodo 19.6 reflete a missão que foi dada, tanto a Adão, quanto a Abraão, de representar a Deus e espalhar sua imagem sobre a terra, usando essa mesma imagem como meio de abençoar a terra.

1.4. A missão da humanidade redimida na nova aliança

O conceito central de difusão da imagem de Deus na terra permeia também todo o Novo Testamento. Vejamos alguns exemplos de textos neotestamentários que levam consigo essa ideia.

O Novo Testamento, assim como o antigo, apresenta o ser humano redimido como um representante de Deus. Em 1Pedro 2.9, o apóstolo afirma: “vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz;” (BÍBLIA, 2021). Assim como em Êxodo 19.6, Pedro utiliza as expressões “nação santa” e “sacerdócio real”, mas para se referir ao povo redimido, atribuindo essa representatividade a ele também. Some a isto que há vários imperativos neotestamentários sobre viver de forma que imitasse a Jesus Cristo, como encontrado em Lucas 6.36, João 15.12, Romanos 15.7 etc. Todos servem como imperativos para refletir a imagem do próprio Deus Filho, que se fez homem.

Tendo isso em vista, em Mateus 28.19, no que chama-se de Grande Comissão, fica implícita a remissão da imagem de Deus que foi perdida na Queda através do “fazer discípulos”. Como é assinalado por R. T. France, “com base nessa autoridade, Jesus enviou seus discípulos para difundir seu domínio sobre todas as nações, ao fazerem mais discípulos” (FRANCE, 2009, p. 1420).

O Novo Testamento também demonstra que a sujeição correta da criação como um vice-regente é uma forma de propagar a imagem de Deus. No Sermão da Montanha, em Mateus 5.16, Jesus instrui os seus ouvintes da seguinte forma: “assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus” (BÍBLIA, 2021). 1Pedro 12.2 afirma: “vivam entre os pagãos de maneira exemplar para que, mesmo que eles os acusem de praticar o mal, observem as boas obras que vocês praticam e glorifiquem a Deus no dia da intervenção dele” (BÍBLIA, 2021). Ambos textos apontam para homens não redimidos sendo abençoados por homens redimidos, através de sua forma de viver, ou, em outras palavras, através de sua sujeição da criação.

Em resumo, os textos do Novo Testamento seguem o padrão estabelecido no Antigo Testamento de que a missão dada ao ser-humano é propagar a imagem de Deus sobre a terra. Também seguem a ideia de que o próprio exercício de vice-regência do homem é um instrumento para abençoar os homens e levá-los a conhecer a Deus.

2. A MISSÃO DA IGREJA HOJE

Toda argumentação acima cumpriu o propósito de demonstrar que no decorrer da narrativa bíblica há duas constantes na missiologia: a propagação da imagem de Deus na terra e o fato de que essa imagem abençoa as nações. Ambos os temas são apresentados em um relacionamento: o homem que possui a imagem de Deus possui a missão de propagá-la e a correta sujeição da criação é apresentada como uma ferramenta para esta propagação.

A realidade que as Escrituras apresentam é que, desde a criação do ser-humano, a missão do povo eleito de Deus é a mesma: propagar a imagem de Deus no homem redimido, que a reflete ao sujeitar a criação segundo a vontade de Deus. Beale afirma que “depois da Queda, um remanescente, criado por Deus à sua imagem restaurada, devia sair e difundir a gloriosa presença divina entre o restante da humanidade em trevas” (BEALE, 2018, p. 69), o que direciona a missiologia de volta para o conceito bíblico. Como vimos, as Escrituras mostram que desde Adão até a comissão feita por Jesus em Mateus 28.19, o Espírito Santo inspirou os autores bíblicos para apresentarem a missão do homem feito à imagem de Deus como a propagação dessa imagem. Na realidade em que o ser humano vive após a queda pelo pecado, essa propagação ocorre através da ação transformadora do Espírito Santo na vida de um pecador, que o regenera e lhe atribui novamente a imagem de Deus. Assim, o povo

Redimido é usado como instrumento do Espírito Santo para essa ação regeneradora.

As constantes missiológicas da disseminação da imagem de Deus e como essa imagem abençoa as nações também diz respeito sobre a forma com que a propagação da imagem de Deus é realizada. A Bíblia trata a sujeição correta da criação, o exercício correto da vice-regência, como instrumento de Deus para abençoar toda a terra, ou seja, entrar em um relacionamento com os povos. Isso implica que o povo de Deus deve se relacionar corretamente com a criação. E isso é realizado através de um diálogo entre a vida redimida do povo de Deus e o mundo. Como afirmado por Michael W. Goheen e Craig G. Bartholomew: “[...] a salvação é abrangente em seu alcance e restauradora em sua natureza: o propósito de Deus na salvação é restaurar a totalidade da vida da humanidade no contexto de uma criação renovada” (GOHEEN, 2016, p. 192). Tal diálogo não é só feito através de uma vida santa; mas também, como demonstrado acima, através da correta sujeição da cultura e da criação, para que os não redimidos conheçam a Deus. Esse era o testemunho da nação de Israel, por exemplo. Geerhardus Vos afirma: “A união do senhorio religioso e do reino nacional na pessoa de Yahweh significava que, em Israel, as vidas civil e religiosa eram inextricavelmente entrelaçadas” (VOS, 2019, p. 158). O cristão deve mostrar o caráter de Deus através do cumprimento da vontade de Deus sobre a cultura, sobre os negócios, sobre os esportes, sobre as artes etc.

CONCLUSÃO

Em meio ao cenário pós-moderno e pluralista atual, a palavra de Deus apresenta que a missão de Deus dada ao homem está fundamentada em duas constantes: 1) que o homem redimido é imagem e semelhança de Deus, que governa a criação representando Deus, e deve propagar essa imagem pela terra; 2) que o exercício da sujeição da criação abençoa a terra e faz com que as nações conheçam a Deus. Tal conceito é observado na criação do homem descrita em Gênesis 1.26-28, nas promessas feitas a Abraão em Gênesis 12 e Gênesis 17, na declaração que Deus faz ao povo recém liberto do Egito em Êxodo 19.6 e alcança seu ápice nas declarações do Novo Testamento, em especial em Mateus 28.19.

Desta forma, além de apontar para a missão do homem, a Bíblia também apresenta uma forma com que o homem pode cumprir essa missão: exercendo corretamente seu papel de vice-regente da criação, se sujeitando a Deus e sujeitando a criação da maneira estipulada por Deus, fazendo dessa forma com que toda a terra conheça a Deus.

**André Dimovci Maria é seminarista. Também é bacharel em Ciências e Tecnologias e Engenharia de Materiais na Universidade Federal do ABC. Este artigo é resultado do primeiro concurso de artigos do MARTUREO. André foi um dos dois vencedores do concurso.*

Este artigo não necessariamente reflete o posicionamento do Martureo

REFERÊNCIAS:

BEALE, G. K. Teologia Bíblica do Novo Testamento. 1. ed. São Paulo, Vida Nova, 2018. 893 p.

BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. 4. ed. São Paulo, Cultura Cristã, 2012. 720 p.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Estudo da Fé Reformada. Almeida Revista e Atualizada. São José dos Campos: Fiel, 2021. 2506 p.

BLAISING, Craig A.; BOCK, Darrel L. Dispensacionalismo Progressivo. 2. ed. Niterói, Concílio, 2022. 429 p.

CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. Comentário Bíblico Vida Nova. 1. ed. São Paulo, Vida Nova, 2009. 2176 p.

GENTRY, Peter J.; WELLUM, Stephem. J. O Reino de Deus Através das Alianças de Deus. 1. ed. São Paulo, Vida Nova, 2021. 318 p.

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. Introdução à cosmovisão cristã. 1. ed. São Paulo, Vida Nova, 2016. 268 p.

HAMILTON JR, James M. Typology: Understanding the Bible's Promise-Shaped Patterns. 1st ed. Michigan, Zondervan Academic, 2022. 405 p.

UNGER, Merrill F. Dicionário Bíblico Unger. 2. ed. Barueri, Sociedade Bíblica do Brasil, 1992. 1366 p.

VOS, Geerhadus. Teologia Bíblica: Antigo e Novo Testamentos. 2. ed. São Paulo, Cultura Cristã, 2019. 495 p.

WALTKE, Bruce. Teologia do Antigo Testamento. 1. ed. São Paulo, Vida Nova, 2015. 1231 p.

WRIGHT, Christopher J. H. A Missão do Povo de Deus. 1. ed. São Paulo, Vida Nova, 2012. 562 p.